

TEORIAS E PRÁTICAS DA LEITURA

Prof. Thiago Mio Salla

História da Leitura no Brasil e Construção do Leitor

Contexto Brasileiro

História da leitura e o Segundo Reinado (a partir de 1840)

- Mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura: tipografias, livrarias e bibliotecas;
- Escolarização precária;
- Expansão capitalista motivada pelos capitais oriundos da expansão cafeeira e da afluência de capitais britânicos.

Antes da chegada da família real

Bloqueio tipográfico imposto pela metrópole, associado a um limitado acesso à educação e à instrução.

Obras brasileiras publicadas em Portugal. Dois exemplo: *A Música do Parnaso* (1705) e *Marília de Dirceu* (1792-1800)

O precursor **Antônio Isidoro da Fonseca (1747)** – caráter excepcional e efêmero da empreitada

Importação e a censura lusitana – Inquisição e, depois a mesa sensória (1769).

Contrabando (as bibliotecas dos Inconfidentes)

MARILIA
DE
DIRCEO.
POR T. A. G.

PRIMEIRA PARTE.

Nova edição.



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença de S. A. R.

1810.

Primeira edição brasileira de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, publicada em 1810 pela Impressão Régia. Até meados do século XIX, esta obra contava com 34 edições (Portugal e Brasil)

Depois da chegada da família real – início do século XIX

“Nos porões da nau Medusa vieram de Lisboa prelos com os seus pertences. Era uma tipografia completa encomendada na Inglaterra por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, futuro Conde de Linhares, para servir a sua Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Não tendo sido usada, encontrava-se ainda encaixotada na ocasião do embarque para o Rio de Janeiro. A necessidade de dar publicidade aos atos do governo que vinha legislando desde a chegada de D. João à Bahia (onde se demorou mais de um mês e onde assinou vários atos, inclusive a Carta Régia abrindo os portos brasileiros ao comércio estrangeiro) fez com que se instalasse logo o material tipográfico no andar térreo de um prédio da rua dos Barbonos, esquina da rua das Marrecas”

(MORAES, Rubens Borba de. “A Imprensa Régia do Rio de Janeiro: origens e Produção”, p. XVII)

Depois da chegada da família real – início do século XIX

Criação da Imprensa Régia – 13 de maio de 1808

Atribuições do novo órgão: imprimir “exclusivamente toda a **legislação e papéis diplomáticos** da recém-instalada burocracia real”, além de “**todas, e quaisquer outras Obras**”. (Carta Régia de 1808 autorizando a impressão no Brasil)

Da Inglaterra, Hipólito José da Costa escrevia nas páginas do seu ***Correio Braziliense***: “Tarde, desgraçadamente tarde: mas enfim, aparecem tipos no Brasil; e eu de todo o meu coração dou os parabéns aos meus compatriotas brasilienses”.

Monopólio e censura imperial (até 1821)

A vinda da **Real Biblioteca** – manifestação de poder

O
URAGUAY,
POEMA
DE
JOSÉ BASILIO DA GAMA,
NA
ARCADIA DE ROMA
TERMINDO SIPILIO.

Nova Edição.



RIO DE JANEIRO
NA IMPRESSÃO REGIA
M. DCCC. XI.
Com licença de S. A. R.

Segunda edição de *O Uruguay*, de, Basílio da Gama, impressa em 1811 pela Impressão Régia. A primeira edição, feita em Lisboa, data de 1769.

ELEMENTOS
DE
ASTRONOMIA

PARA USO DOS ALUMNOS

DA

ACADEMIA REAL MILITAR

ORDENADO

POR

MANOEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARÃES

*Sargento Mór do Real Corpo de Engenheiros, e Lente
do quarto anno da referida Academia.*



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSAM REGIA

ANNO M. DCC. XIV.

J. J. C. O.

Por Ordem de S. A. R.

*Elementos de Astronomia
para uso dos alumnos da
Academia Real Militar,
Impressão Régia, 1814.*

Contexto pós-Independência

Diagnóstico em 1821: neste ano havia, na Corte, duas tipografias, além da Nacional. No ano seguinte, o da Independência, mais quatro seriam instaladas. Havia ainda o estabelecimento de Silva Serva, na Bahia, além de tipografias em Recife, no Pará e no Maranhão. Quanto às livrarias, havia pelo menos nove na Corte, em 1821.

Outros desdobramentos: *“(...) implantação da imprensa periódica – jornais e revistas; formação de bibliotecas públicas e particulares; criação das primeiras escolas superiores; desenvolvimento do gosto pelo teatro, música e oratória religiosa nas frequentes solenidades da Igreja; museus, arquivos, associações culturais; e sobretudo a melhoria das condições de vida social e a presença de estrangeiros”*.
(CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*, p. 161)



CHAMBERLAIN, Henry. *Largo da Glória*, 1821



Chamberlain, Henry *Um Mascate e seu Escravo*, 1822



Particularidades da circulação dos livros

Estratégias de venda de Joaquim Manuel de Macedo: “Mal apanhou os exemplares na Tipografia Americana, encarregou alguns escravos de vendê-los de porta em porta. Com os volumes enfiados num cesto, como se fossem apetitosas guloseimas, lá partiam os improvisados vendedores, percorrendo os sobrados do Centro, da Cidade Nova, de São Cristóvão, os palacetes do Catete”. (MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*, p. 77).

No começo do século XX, num balaço sobre a vida literária nacional, o cronista **João do Rio** constatava: (...) “hoje o escritor trabalha para o editor e não manda vender como José de Alencar e o Manuel de Macedo por um preto de balaio no braço, as suas obras de porta em porta, como melancias ou tangerinas”. RIO, João do. *O momento literário*. 1980, p. 326)

Anda fugido, desde o dia 18 de Outubro de 1854, o
escravo crioulo de nome

FORTUNATO,

de 20 e tantos annos de idade, com falta de dentes na frente, com pouca ou nenhuma barba, baixo, reforçado, e picado de bexigas que teve ha poucos annos, é muito pachola, mal encarado, falla apressado e com a bocca cheia olhando para o chão; costuma ás vezes andar calçado intitulado-se forro, e dizendo chamar-se Fortunato Lopes da Silva. Sabe cozinhar, trabalhar de encadernador, e entende de plantações da roça, donde é natural. Quem o prender, entregar á prisão, e avisar na côrte ao seu senhor Eduardo Laemmert, rua da Quitanda n.º 77, receberá 50U000 de gratificação.

Depois da Independência – Paula Brito

Plancher (1824) e a influência francesa – *Jornal do Commercio*

Paula Brito (1809-1861) - “**o primeiro editor digno desse nome que houve entre nós**” (Machado de Assis)

1831 – Tipografia Fluminense > **Tipografia Imparcial**

1833 – ***O Mulato ou o Homem de Cor***

1850 – **Imperial Typographia Dous de Dezembro** (até 1857)

2º Reinado estabilização e **foco no leitor comum**

A Marmota, a Biblioteca das Senhoras – **público feminino** e a **construção de uma cultura nacional**

Divulgação – nomeação de correspondentes provinciais



Francisco de Paula Brito

*Francisco de Paula Brito
(1809-1861)*

A
CONFEDERAÇÃO

DOS

TAMOYOS

POEMA

POR

Domingos José Gonçalves de Magalhães



RIO DE JANEIRO

EMPRESA TYPOG.—DOUS DE DEZEMBRO—DE PAULA BRITO

IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

1856.

*Primeira edição de A
Confederação dos
Tamoios, de Gonçalves de
Magalhães. Obra dedicada
ao Imperador D. Pedro II*

Depois da Independência – Paula Brito

"Paula Brito não apenas editava; foi também o primeiro editor a assumir publicar trabalhos de literatos o risco de publicar obras de literatos brasileiros contemporâneos por sua própria conta , em vez de fazê-lo por conta do autor, como uma estrita transação comercial. Pela primeira vez, um poeta ou um romancista nacional poderia almejar ser publicado em livro e ser pago por isso. Na verdade, na disposição de oferecer apoio financeiro direto a qualquer jovem escritor sem recursos, o interesse patriótico de Paula Brito pela cultura brasileira somou-se a sua própria experiência de pobreza”.

(HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*, p. 161).

Exemplo: Teixeira e Sousa e ***O filho do pescador*** (1843)

Depois da Independência – Garnier

1844 – Garnier: “Paula Brito foi o primeiro editor digno desse nome entre nós. Garnier ocupa hoje [1865] esse lugar, com as diferenças produzidas pelo tempo e pela vastidão de relações que possui fora do país” (Machado de Assis)

Separação entre edição e impressão – pagamento regular de direitos autorais (assumia o risco da publicação)

Impressão das obras na Europa e as reclamações dos tipógrafos nacionais

- Sua firma tinha origem em Paris;
- Garnier pretendia conquistar público maior, que preferia produtos franceses (destaque para a expressão “nitidamente impressa e suntuosamente encadernada em Pariz”);
- A tecnologia francesa permitia melhor impressão e os vapores levavam apenas 22 dias para atravessar o Atlântico;
- Finalmente, a impressão francesa era mais barata.

Depois da Independência – Garnier

Foco no **público leitor de romances** (ficção tanto nacional quanto estrangeira)

Pagamento de **10% do preço da capa aos tradutores**

Investimento em poesia

O mercado de **livros de didáticos**

Consagração dos formatos franceses: in-oitavo (16,5 x 10,5cm) e in-doze (17,5 x 11 cm).

Preço de capa fixo

Depois da Independência – Garnier

Entrevista de Garnier

“Dizia-nos o Sr. Garnier, um dia em que lhe perguntávamos porque não barateava os seus livros:

- Porque tenho prejuízo com isso.
- Não é exato, lhe respondemos; se baratear o livro, ganha menos, é certo, mas como necessariamente vende mais ganha por conseguinte o mesmo pelo menos.
- Nisto está o seu erro, nos respondeu ele, o preço não influi sobre o número de meus fregueses, digo-lh’o eu praticamente, tanto faz que eu venda uma obra por dez tostões como por dez mil-réis, o consumo de exemplares é sempre o mesmo, daí vem a base dos meus preços, porque antes de expor o livro à venda já sei o número de exemplares que hei de vender, e como esse número é pouco avultado, preciso fazer preço que retribua os sacrifícios do meu negócio e o emprego do meu capital (...) Os fatos aqui são rebeldes”. (*Imprensa Industrial*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1877)

MACHADO DE ASSIS

QUINCAS BORBA

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, Rua do Ouvidor, 71

1891

Primeira edição de Quincas Borba de Machado de Assis, obra publicada por B. L. Garnier em novembro de 1891

OBRAS
POÉTICAS

DE

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

(ALCINDO PALMIRENO)

COLLEGIDAS, ANNOTADAS

E PRECEDIDAS DO JUIZO CRITICO
DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS
E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

E ACOMPANHADAS

DE DOCUMENTOS HISTORICOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA S.

—
TOMO PRIMEIRO
—

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

—
1864

Todos os direitos de propriedade reservados.

Edição que reúne as Obras Poéticas, preparada por Joaquim Norberto de Sousa e publicada por B. L. Garnier em novembro de 1864

**E o público leitor? Qual a perspectiva de
nossos artistas em relação a ele ?**

Sistema: autor-obra-público

Público leitor?

O florescimento do romance em comparação ao **escasso público leitor**

Em 1872, **apenas 18,6% da população livre e 15,7% da população total, incluindo escravos, sabia ler e escrever**. Entre a população em idade escolar (6 a 15 anos) apenas 16,9% frequentavam escolas. Em 1890, esse percentual caiu para 14,8%.

Tiragens de, em média, mil exemplares, cujas primeiras edições demoravam vários anos para se esgotar, o baixo número de títulos publicados anualmente e os altos preços dos livros são indicadores da pouca aceitação do **texto literário** no Brasil oitocentista.

Desconhecimento e indiferença / Isolamento e pouca ressonância

Desconhecimento da situação do país e das condições concretas para a produção e circulação de bens culturais, aliada ao **idealismo romântico** e aos **sonhos de glória e prestígio**, levava ao “peculiar e indefinível estado da alma dos talentos sem meio adequado, das inteligências condenadas a labutar no vácuo, sem público, sem o galardão condigno” (ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis – Estudo comparativo de literatura brasileira*)

Machado atribui o descaso pela literatura a certa “**conspiração da indiferença**”, que Alencar redefine, mais tarde, como “nova conspiração do despeito que veio substituir a antiga conspiração do silêncio e da indiferença” (ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*)

Desconhecimento e indiferença / isolamento e pouca ressonância

“uma pequena elite intelectual separou-se notavelmente do grosso da população (...) e chegamos hoje ao ponto de termos uma literatura e política exóticas, que vivem e procriam em uma estufa, sem relações com o ambiente e a temperatura interior” (ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis – Estudo comparativo de literatura brasileira*)

Mecenato e redução da produção a uma pequena elite (analogia com século XVIII europeu do Ancien Regime). Atraso na ratificação de **acordos internacionais de propriedade intelectual**.

Discurso do presidente do IHGB, Visconde de São Leopoldo: "financiamento direto, do incentivo ou do auxílio a poetas, músicos, pintores e cientistas, d. Pedro II tomava parte de um grande projeto que implicava, além do fortalecimento da monarquia e do Estado, a própria unificação nacional, que também seria obrigatoriamente cultural".

A culpa estaria na literatura estrangeira

Em **polêmica sobre sua peça *O jesuíta***, escreve Alencar em 1875: “(...) os brasileiros da corte não se comovem com essas futilidades patrióticas; são positivos e sobretudo cosmopolitas, gostam do estrangeiro; do francês, do italiano, do espanhol, do árabe, de tudo, menos do que é nacional” (In: COUTINHO, Afrânio. *A polêmica Alencar-Nabuco*, p. 24)

“A mocidade brasileira não lê obras nacionais; agarra-se no romance estrangeiro com um entusiasmo verdadeiramente lamentável” (CAMINHA, Adolpho. *Cartas Literárias*, 1895)

Nossa produção literária era inferior: “O algarismo anual das nossas produções literárias é de um cômico impagável. Enquanto Paris recebe por dia cem, duzentas obras de escritores franceses, das quais 20% podem ser consideradas boas e 50% excelentes, nós ...produzimos anualmente 50 ou 100 das quais dez sofríveis e cinco boas” (CAMINHA, Adolpho. *Cartas Literárias*, 1895)

Anacronismo do público leitor

Em 1875, repudiando o **gosto do público pelo romance francês de segunda linha**, Alencar declara-se de “sobra convencido que a plateia fluminense estava em anacronismo de um século com as ideias do escritor” (In: COUTINHO, Afrânio. *A polêmica Alencar-Nabuco*, p. 24)

“No Brasil, quem se propuser escrever romances consecutivos tem fatalmente de lutar com grandes obstáculos – é a disparidade que há entre a massa enorme de leitores e a de pequeno grupo de críticos. Os leitores estão em 1820, em pleno Romantismo, querem o belo enredo, a ação, o movimento; os críticos, porém, acompanham a evolução do romance moderno em França e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet. Ponson du Terrail é o ideal daqueles; para estes, Flaubert é o grande mestre. A qual dos dois grupos se deve atender? Ao de leitores ou ao de críticos? Estes decretam, mas aqueles sustentam. Os romances não se escrevem para a crítica, escrevem-se para o público, para o grosso público, que é o que paga” (AZEVEDO, Aluísio. *Os mistérios da Tijuca*, cap LXI.)

Conscientização do fosso cultural

Final da Guerra do Paraguai (vasta comunicação interprovincial)

Recenseamento de 1872 (finalizado e divulgado em 1876). O total de analfabetos no Brasil era de 84%. (Ver trecho de crônica de Machado)

Sílvio Romero – tomada de consciência de um estado de “penúria real”, que levara os escritores e intelectuais brasileiros a se afastar “da mentira, da falácia espiritual e política” da literatura romântica.

Declínio da idealização do projeto nacionalista romântico

Diagnóstico candidiano

Analfabetismo e constituição de um público feito preferencialmente por ouvintes, que repercutiu na produção dos escritores que deveria primar pela facilidade e ênfase.

“Deste modo, formou-se, dispensando-se o intermédio da página impressa, um público de auditores, muito maior do que se dependesse dela e favorecendo, ou mesmo requerendo, no escritor, certas características de facilidade e ênfase, certo ritmo oratório que passou a timbre de boa literatura e prejudicou entre nós a formação dum estilo realmente escrito para ser lido. A grande maioria dos nossos escritores, em prosa e verso, *fala* de pena em punho e prefigura um leitor que ouve o som da sua voz brotar a cada passo por entre as linhas (CANDIDO, Antonio. “O Escritor e o Público”. In: *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 91)

Diagnóstico candidiano

Nacionalismo e subordinação da literatura ao poder (dependência em relação às ideologias dominantes). Conformismo de forma e fundo:

“Neste sentido, avultam três fatores: o frequente amparo oficial de D. Pedro II, o Instituto Histórico e as Faculdades de Direito (Olinda-Recife e São Paulo). A sua função consistiu, de um lado, em acolher a atividade literária como função digna; de outro a podar as suas demasias, pela padronização imposta ao comportamento do escritor, na medida em que era funcionário, pensionado, agraciado, apoiado de qualquer modo. Houve, neste sentido, um mecenato por meio da prebenda e do favor imperial, que vinculavam as letras e os literatos à administração e à política, e que se legitima na medida em que o Estado reconhecia, desta forma (confirmando-o junto ao público), o papel cívico e construtivo que o escritor atribuía a si próprio como justificativa de sua atividade” (*Idem*, pp. 92-93).

Diagnóstico candidiano

Durante o Segundo Reinado, **o papel de revistas e jornais familiares** que habituaram os autores a escrever para um **público de prioritariamente de mulheres**, ou para os serões onde, em regra, se lia em voz alta:

“Daí um amaneiramento bastante acentuado que pegou em muito estilo; um tom de crônica, de fácil humorismo, de pieguice que está em Macedo, Alencar e até Machado de Assis. Poucas literaturas terão sofrido, tanto quanto a nossa, em seus melhores níveis, esta influência caseira e dengosa, que leva o escritor a prefigurar um público feminino e a ele se ajustar” (*Idem*, p. 95).

Diagnóstico candidiano

Resultado paradoxal:

- Uma literatura acessível, mas que não encontrava leitores e recebia a aprovação das classes dirigentes;
- Ausência de contato efetivo com a massa (que, por meio da remuneração capitalista, poderia substituir o apoio e o estímulo das pequenas elites);
- Pobreza intelectual das elites somada à acessibilidade das obras, que deveriam dar testemunho do país.

Sistema literário e leitor de papel

Pegar o leitor pela mão (tutela paternalista; receio de que qualquer dificuldade colocasse a leitura de lado: explicação, recapitulação, antecipação, simulação de reações). O caso emblemático das *Memórias de um Sargento de Milícias*:

“...o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente...”
(Cap. II)

“Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses ativos militares, que entra também na nossa história.” (Cap. VIII)

“Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.” (Cap. IX)

Sistema literário e leitor de papel

Continuação:

“Os leitores terão talvez estranhado que em tudo quanto se tem passado em casa da família, de Vidinha não tenhamos falado nesta última personagem; temo-lo feito de propósito, para dar assim a entender que em nada disso tem ele tomado parte alguma.” (Cap XLI)

“Se o leitor pensou no que há pouco dissemos, isto é, que naquela família havia três primos e três primas, e se agora acrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter cismado alguma coisa a respeito”. (Cap. XXXI)

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícia*. Cotia, SP: Ateliê, 2006.

Sistema literário e leitor de papel

Construção de uma relação familiar (refinamento do ambiente; leitor e receptor enquanto membros da elite).

“Suponha o leitor que somos conhecidos velhos. Estamos ambos entre as quatro paredes de uma sala; o leitor sentado em uma cadeira com as pernas sobre a mesa, à moda americana, eu a fio comprido em uma rede do Pará, que se balouça voluptuosamente, à moda brasileira, ambos enchendo o ar de leves e caprichosas fumaças, à moda de toda gente. (...) Ora, como é noite, e como não hajam cuidados para nós, temos ambos percorrido toda a planície do passado, apanhando a folha do arbusto que secou ou a ruína do edifício que abateu. Do passado vamos ao presente, e as nossas mais íntimas confidências se trocam com aquela abundância de

Sistema literário e leitor de papel

Continuação:

coração própria dos moços, dos namorados e dos poetas. Finalmente, nem o futuro nos escapa. Com o mágico pincel da imaginação traçamos e colorimos os quadros mais grandiosos, aos quais damos as cores de nossas esperanças e da nossa confiança. Então, o leitor, que é perspicaz e apto para sofrer uma narrativa de princípio a fim, descobre que eu também me entrego aos contos e novelas, e pede que lhe forje alguma coisa do gênero”.

ASSIS, Machado de. *Histórias Românticas*. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Conto publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, novembro de 1864.

Sistema literário e leitor de papel

Ruptura da cumplicidade entre narrador-leitor (este mais incapaz; aquele mais autoritário)

CAPÍTULO CCI

QUERIA dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, — questão preñhe de questões, que nos levariam longe. Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

Sistema literário e leitor de papel

Atribuição de maturidade ao leitor e ruptura com a usual postura prepotente do narrador (introdução do leitor no processo de redação da obra (ruptura do “anel de autoritarismo” de que Paulo Honório fazia parte). O caso de *S. Bernardo* de Graciliano Ramos:

Continuemos. Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis. Também pode ser que, habituado a tratar com matutos, não confie suficientemente na compreensão dos leitores e repita passagens insignificantes. De resto isto vai arranjado sem nenhuma ordem, como se vê. Não importa. Na opinião dos caboclos que me servem, todo o caminho dá na venda. (Cap. 2)

Sistema literário e leitor de papel

Ocupado com esses empreendimentos [a conquista e a manutenção de *S. Bernardo*], não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices do Gondim. As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. Se não quiserem, pouco se perde. Não pretendo bancar escritor. É tarde para mudar de profissão. E o pequeno que ali está chorando necessita quem o encaminhe e lhe ensine as regras de bem viver.

– Então para que escreve?

– Sei lá!

O pior é que já estraguei diversas folhas e ainda não principiei.

(Cap. 2)

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, pp. 10-12.